

Acolher é um ministério



Igreja
Episcopal
Anglicana do
Brasil

Mês da Juventude

MARÇO 2008 - MÊS DA JUVENTUDE

1º Estudo

Acolhida e Espiritualidade

Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos... Mt. 10:16

Sabemos que vivemos num mundo conturbado e confuso, e Jesus sabia muito bem de todas as dificuldades que seus discípulos teriam para anunciar as boas novas às nações. Geralmente, temos o falso entendimento que as pessoas vão entrar para a Igreja pronta sem nenhum pecado, até porque temos também a falsa tentação de crer que a Igreja é um lugar onde o pecado não existe. Esquecemos, assim, aquela máxima evangélica que diz: *Venham todos a mim, os cansados e atribulados... Mt 11:28*. Quando falamos que a igreja é um lugar de acolhida, queremos significar que ela é um espaço de cura, de amor, compreensão e solidariedade. Um dia, em um velório, onde uma pessoa muito conhecida por sua influência, tanto em ajudar as pessoas como por sua alegria, encontramos nossa casa de oração cheia. Quando as pessoas esperavam pelo Reverendo, ouvi uma conversa: “Como tudo aqui é organizado e que cor bonita tem estas paredes, até acho que vou pintar a minha casa da mesma cor!” Confesso que fiquei orgulhoso por saber que nosso templo agradava as pessoas, mas queria ouvir palavras como: Como é bom estar aqui e sentir o conforto de Deus, como as pessoas são compreensivas com este momento triste que estou passando, quero levar um pouco desta paz para a minha casa! É claro que todos queremos o melhor para a nossa casa de oração, as melhores flores, os objetos sagrados bem cuidados e um lugar todo reformado e ornamentado com cores e tudo o mais. Mas não podemos esquecer que o ser humano vem buscar outra coisa - vem buscar um remédio para a sua dor que médico nenhum, nem farmácia alguma poderia receitar. Talvez seja eu, aquele rapaz ou moça que com um folheto informativo, com uma palavra amiga na frente da nossa casa de oração, na escola, em casa, ou noutro lugar poderia curar a dor que amargura todo o sofrimento alheio.

1. Amorosidade no acolhimento

Quando o Espírito passa a habitar em alguém, essa pessoa não pode deixar de orar; pois o Espírito ora sem cessar dentro dela. Não importa se estiver dormindo ou acordada, a oração está sendo feita em seu coração o tempo todo. Ela pode estar comendo ou bebendo, pode estar descansando ou trabalhando – o incenso da oração ascenderá espontaneamente do seu coração. O menor movimento do seu coração é como uma voz que canta em silêncio e em segredo ao invisível – Isaque, o Sírio. (Oração o refúgio da Alma – Richard J. Foster.)

“O homem tira coisas boas do bom tesouro do seu coração...” Para haver um acolhimento amoroso, primeiro é necessário estarmos preparados espiritualmente. Compreendermos que o amor de Deus por nós não acaba em nós, mas invade o outro. É desejar passar para o outro tudo de bom que eu também sinto e quero que o outro sinta. Acolher amorosamente é amar ao próximo como a si mesmo, não é a apenas cativar, mas é se responsabilizar por tudo que o outro procura e está sentido no momento. Gosto daquela frase do Pequeno Príncipe: “Somos responsáveis pelas pessoas que cativamos”. Orar além de ser um bom conselho deve ser o combustível do acolhedor. No último culto que participei, apareceu uma família nova na paróquia, seu objetivo era que seus filhos tivessem formação religiosa, vi que eram um pouco tímidos e comeci a pensar o que poderia fazer para cativá-los – pensei, pensei... e ofereci aulas de violão, acharam muito interessante, embora não tenham falado muito, mas o mais interessante é começou a aparecer outros membros, até porque estávamos atrapalhando a saída das pessoas do culto, e conversa vai, conversa vem, começaram a conversar com a família e já descobriram-se parentes e conhecidas suas relações de amizade... veja só! Se inventarmos, se tentarmos puxar assunto... Deus fará o resto, pois a visão de Deus ultrapassa a carne de nosso peito e olha para dentro de nosso coração. Podemos dizer que além de acolher ser uma aventura é também um ato de amor.

2. Esperança e Acolhimento

“Que é que há atrás deste desejo que está brotando em toda a cristandade e que anseia por uma palavra esclarecedora da Igreja ao mundo? Basicamente os seguintes raciocínios: os problemas sociais, econômicos, políticos, etc, do mundo fugiram do nosso controle; todas as propostas de soluções ideológicas e práticas fracassam. Com isso, o mundo do progresso tecnológico chegou ao se limite, O carro caiu no barro, as rodas patinam em alta rotação, mas não conseguem tira-lo dali. Os problemas são, tanto em sua amplitude como em seu caráter, tão abrangentemente humanos, que se tornou necessário um auxílio realmente substancial. A Igreja fracassou, até aqui, diante dos problemas sociais, econômicos, políticos, sexuais, pedagógicos. Por culpa própria, criou um escândalo que impede os seres humanos de crer em sua mensagem. “Ai de quem fizer tropeçar um desses pequeninos” (Mt 18:6) Não basta uma proclamação dogmaticamente correta da mensagem cristã nem tampouco princípios éticos genéricos. É preciso orientação concreta na situação concreta. As forças espirituais em que a Igreja repousa ainda não foram esgotadas. Os cristãos do mundo inteiro nunca estiveram tão próximos um do outro como agora. É preciso que juntos ataquem a tarefa de dizer a palavra da Igreja ao mundo (...) A mensagem da Igreja para o mundo não pode ser outra que a palavra

de Deus ao mundo, quer dizer, Jesus Cristo e a salvação neste nome. Em Jesus Cristo Deus definiu seu relacionamento com o mundo; não conhecemos outra forma de relação de Deus com o mundo que não seja por Jesus Cristo. Por isso, também para a Igreja não há outra maneira de se relacionar com o mundo que não seja por Jesus Cristo. Isto quer dizer: o relacionamento correto da Igreja com o mundo nasce tão somente do Evangelho de Jesus Cristo e não dum direito natural, racional ou dum direito humano universal. (Ética. Dietrich Bonhoeffer)

Transmitir esperança já não é uma coisa tão fácil, com certeza é muito mais que um conceito bem elaborado. É dar aquele sopro de vida ao desesperançado. Quando uma mãe acolhe seu filho entre os braços, quando recebemos um abraço afetuoso, um beijo caloroso da amado ou do amado, recebemos esperança. Somos invadidos por ela com um ar de vida, de luz e imaginação. Imaginar é espelhar o futuro, contemplar através das façanhas do pensamento um lugar acolhedor para cada um de nós. E acima de tudo ter esperança é ter fé, “e ter fé é esperar um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se vêem”. (Hebreus 11:1)

3. Abertura para o outro

“Ma ci sono queste cose che si presentano, irrecusabili, c'è questa persona amata di fronte a te, ci sono questi nomini che si presentano schiavi attorno a te” – Tr “Mas há estas coisas que são introduzidas, irrecusável, esta pessoa amada em sua frente, este homem que existe escravizado ao seu redor”. Waldenfels, B.

Amar ao nosso próximo é uma das características mais edificantes de nossa humanidade. Edificante porque para amar ao próximo precisamos nos livrar de todas as coisas ruins que existem em nosso coração. Dentro delas nosso egoísmo, pois achamos que só nós merecemos todo o amor do mundo, mas por sua vez somos incapazes de amar; também nosso orgulho, pois somos incapazes de perdoar; existe a inveja que não permite que eu veja que o outro possa crescer e receber todas as bênçãos de Deus; gostaria de lembrar também nosso medo que vê o outro como uma ameaça e não como uma descoberta. Como podemos ver amar ao nosso próximo exige renúncia, exige gostar de gente de carne e osso, mas com sentimentos a flor da pele...

Os maiores mandamentos são conhecidos e lidos semanalmente em nossas celebrações no sumário da lei:

Escutai o que diz nosso Senhor Jesus Cristo: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e do todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Deste dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

Não podemos construir uma ponte até Deus sem passar pelo nosso próximo. O amor a Deus e ao próximo se reconhece mutuamente. Temos que aprender a aprender com o nosso próximo, pois embora ele esteja não a fim de se relacionar, possa até querer o nosso mal, ele está escravizado ao meu redor. O ser humano pode até tentar escapar, mas há duas coisas que esconderijo nenhum na face da terra pode nos esconder. A primeira é a morte, ninguém escapa da morte e a outra é o amor, ninguém, também, escapa do amor.

Vamos refletir

1. Como anda minha vida de oração?
2. Como anda a nossa esperança com relação a cristandade?
3. O que o outro é para mim?

2º Estudo

Acolhida ou Informação?

Por que devemos falar sobre a nossa fé Cristã? Será que isso não é uma questão pessoal? Será que o melhor Cristão não é aquele que simplesmente vive a vida Cristã? Vez por outra, ouço as pessoas me dizerem: “sei de uma pessoa (que normalmente é um parente próximo) que é um cristão exemplar.” Eles têm uma fé mas não falam nela. Será esta a forma mais elevada de Cristianismo? Uma resposta curta é que alguém deve ter falado a esta pessoa sobre a fé cristã. Uma resposta ligeiramente mais longa é que há boas razões para contarmos aos outros a respeito de Jesus. Há estudos que comprovam que o verbo “ir” aparece 1.514 vezes na Bíblia, 233 vezes no NT e 54 vezes no Evangelho de São Mateus. Jesus nos diz para irmos:

*‘Vão às ovelhas perdidas...’
‘Vão e contem a João...’
‘Vão e convidem todos que encontrarem...’
‘Vão e façam discípulos...’*

Leiam o texto de Mt. 28:18-20

Em segundo lugar, testemunhamos aos outros porque há uma necessidade desesperada nas pessoas por ouvir as Boas-Novas de Jesus Cristo. Imagine se estivéssemos no Deserto do Saara e encontrássemos um oásis, seria um ato de extremo egoísmo não contar às

peças com sede onde poderiam saciar sua sede. Jesus é o único que pode satisfazer o coração sedento de mulheres e homens. Em terceiro lugar contamos aos outros, após descobrirmos as Boas-Novas, por sentirmos um desejo urgente de passa-la adiante. Se recebemos Boas-Novas temos necessidade urgente de cantar aos outros. Quando nasce uma criança, por exemplo, no seio de uma família, logo corremos para contar o acontecido. Os pais e os avós são os primeiros a passar a novidade, pois estão irradiantes para contar a todos. Quando apreciamos quão importante são as Boas-Novas do Evangelho, devemos ficar irradiantes para contar aos outros.

1. A questão do Conteúdo:

Mas como sair testemunhando aos outros? Parece-me haver dois perigos opostos: primeiro, o da **insensibilidade**. Se sairmos derrubando tudo o que vemos à frente como um touro numa loja de louças, mais cedo ou mais tarde acabaremos nos machucando. Mesmo se tocarmos no assunto de forma sensível, poderemos mesmo assim nos machucar. Quando isso acontece, tendemos a nos retrair. E aí caímos no segundo perigo: o do **medo**. Para evitarmos estes perigos da insensibilidade para com os outros e do medo, precisamos perceber que dar testemunho de Jesus vem de nosso próprio relacionamento com Deus. É uma parte natural deste relacionamento. À medida que caminhamos com Deus, deve ser algo muito natural pra nós conversar com as pessoas sobre este relacionamento em cooperação com o Espírito de Deus.

2. Método x Espiritualidade

Eu acredito que é útil pensar neste assunto dividindo-o em cinco pontos, todos começando com a letra ‘p’ Presença, Persuasão, Proclamação, Poder e Prece.

Presença

Jesus disse aos seus discípulos:

“Vós sois o sal da terra, ora se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte. Nem se acende uma candeia para coloca-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:13-16)

Jesus nos chama a ter uma influência ampla (sal da terra e a luz do mundo). Para exercer esta influência, precisamos estar no mundo e não nos retirarmos naquilo que John Stott chama de nossos *elegantes saleirinhos eclesidásticos*. Ao contrario, somos chamados a ser diferentes, a viver um estilo de vida radicalmente diferente do mundo, para que possamos ser efetivos como sal e luz nele.

Primeiramente somos chamados a ser sal. Nos séculos que antecederam a invenção da refrigeração, o sal foi usado pra conservar as carnes evitando o apodrecimento. Como cristãos somos chamados a evitar que a sociedade torne-se algo ruim. Fazemos isto através das nossas palavras, a medida que falamos de padrões e questões morais, e à medida que usamos a nossa influência para implementarmos os padrões de Deus na sociedade ao nosso redor. Fazemos isto pelas nossas realizações à medida que assumimos nosso papel como cidadãos, objetivando criar melhores estruturas sociais estamos assumindo nosso papel como sal do mundo.

Em segundo lugar, Jesus nos chamou para sermos luz – para que a luz de Cristo brilhe através de nós, Fazemos isto através do que Jesus chama de ‘boas obras’ - tudo que fazemos ou dizemos porque somos cristãos. Elas podem ser resumidas como amar o próximo como a nós mesmos.

Viver de forma cristã é o jeito mais apropriado de passarmos as boas novas àqueles que vivem muito próximo de nós. Este, certamente, é o caso de nossa família, colegas de trabalho e companheiros de moradia. Só o fato de saberem que somos crentes nos coloca num certo grau de pressão. Falar continuamente sobre a nossa fé poderá minar tudo. No trabalho as pessoas notam a nossa estabilidade, honestidade, veracidade, dedicação ao trabalho, confiabilidade, o nosso desvio das fofocas e o nosso desejo de encorajar aos outros. Em casa, os pais, a família e os companheiros de moradia serão influenciados pela nossa prestatividade com os outros, nossa paciência, nossa gentileza, muito mais do que pelas nossas palavras.

Entretanto, ser luz do mundo não envolve somente o nosso estilo de vida. Envolve também os nossos lábios. Os nossos companheiros de moradia e nossos colegas irão eventualmente nos perguntar sobre nossa fé. Normalmente, é melhor esperar até que eles façam isto. Quando perguntados, devemos sempre estar preparados a dar resposta. Pedro escreve: ‘...Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia com mansidão e temor’. (I Pedro 3:15-16).

Quando tivermos oportunidade de falar como faremos?

Persuasão

Muitas pessoas hoje têm objeções à fé cristã ou, pelo menos, perguntas que gostariam de ver respondidas antes de estarem prontas a ser entregarem a Cristo. Elas precisam ser persuadidas pela verdade. Paulo desejava tentar persuadir as pessoas. Ele tinha isso como a sua obrigação de amor por elas: ‘E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens...’ (2 Cor. 5:11).

Quando foi a Tessalônica ele ‘arrazou’ ‘explicou’ e ‘provocou’ pelas Escrituras que o Cristo tinha que sofrer e levantar dos mortos ‘...e alguns dos judeus foram persuadidos...’ 9 Atos 17:4. Em Corinto, enquanto trabalhava em tendas durante a semana, ‘todo os sábados discorria na Sinagoga, persuadindo tanto judeu, como gregos’ (Atos 18:4)

Proclamação

O coração do nosso testemunho é a proclamação das boas novas de Jesus Cristo. É o anúncio, a comunicação e a proclamação da fé cristã aqueles que estão alheios a fé. Há muitas maneiras pelas quais isto pode ser feito,. Uma das formas mais efetivas é trazer as pessoas a ouvir o evangelho que é explicado por outro alguém. Isto é muito aconselhável especialmente nos primeiros estágios da nossa vida cristã, em vez de tentarmos por nós mesmos explicar o evangelho.

Muitos que vêm à fé em Cristo têm muitos amigos que têm pouca ou nenhuma conexão com a igreja. Isto proporciona uma excelente oportunidade de dizer a estes amigos, como Jesus disse em certa ocasião, ‘Venham... e verão (João 1:39). Não há maior privilégio e maior alegria que levar alguém a descoberta de Jesus Cristo. O ex-arcebispo de Canterbury, William Temple, escreveu seu comentário sobre o Evangelho de João enquanto se encontrava de joelhos, pedindo a Deus para falar ao seu coração. Quando chegou às palavras: “E ele (André) levou Simão a Jesus” (João 1:42), ele escreveu uma frase curta porém marcante: O maior serviço que um homem pode prestar a outro.

Poder

No Novo Testamento a proclamação do evangelho é frequentemente acompanhada por uma demonstração do poder de Deus. Jesus proclamou: O Reino de Deus está próximo, Arrependam-se e creiam no evangelho! (Marcos 1:15). Jesus continuou a demonstrar o poder do evangelho expulsando demônios (Marcos 1:21-28) e curando os enfermos (Marcos 1:29-34, 40-45).

Jesus disse aos discípulos pra fazer o que ele havia feito. Ele os disse para fazer as obras do reino – ‘sara os enfermos que estão lá’ e proclamar as boas-novas – e lhes dizer, ‘O reino de Deus está próximo de vocês’ (Lucas 10:9) À medida que lemos nos evangelhos e em Atos, vemos que foi isto o que eles fizeram. Paulo escreveu aos Tessalonicenses: ‘O nosso evangelho chegou a vocês não simplesmente com palavras, mas, sobretudo em poder. (I Tessalonicenses 1:5).

Prece (Oração)

Já vimos a importância que a oração teve na vida de Jesus. Enquanto proclamava o evangelho ele também orava (Marcos 1:35-37). A oração é essencial na área do testemunho das boas-novas aos outros.

Precisamos orar para que olhos cegos sejam abertos. Muitas pessoas são cegadas ao evangelho (2 Coríntios 4:4). Elas podem enxergar fisicamente, mas não conseguem ver o mundo espiritual. Precisamos orar para que o Espírito de Deus abra os olhos dos cegos para que eles entendam a verdade sobre Jesus.

Questões para reflexão:

- 1 - O que você diria a alguém que considera o Cristianismo uma questão privada ou pessoal?
- 2 - O que, na prática, significa ser ‘sal’ e ‘luz’ àqueles que estão ao nosso redor?
- 3 - Quais são as maneiras pelas quais ‘poderemos trazer as pessoas para Jesus’?

3º Estudo

Acolhida e Inculturação

É costume afirmar que desejamos uma igreja onde as pessoas se sintam bem, se sintam acolhidas e que seja, ao mesmo tempo, uma igreja encarnada em nossa cultura. Apesar disso, também é comum ouvirmos em reuniões a constatação de que adolescentes e jovens não permanecem na igreja, que seu número é pequeno e que sua participação na vida paroquial e diocesana é bastante reduzida.

Este estudo não pretende responder a tais perguntas, mas oferecer um subsídio para avaliarmos a situação da juventude em nossa comunidade, paróquia ou diocese. Vamos nos concentrar em três temas específicos: o jovem e suas tribos, o jovem e sua linguagem, o jovem e suas incertezas.

O Jovem e suas tribos

Quando somos jovens, nossa tendência natural é buscarmos a companhia de pessoas de nossa faixa etária e que tenham, preferencialmente, as mesmas afinidades (os mesmos gostos musicais, que curtam as mesmas baladas e as mesmas opções de lazer, que

apreciem os mesmos gêneros de filmes e os mesmos esportes, por exemplo). Quando os jovens se agrupam em torno de um estilo de vida, geralmente chamam a esse grupo, sua “tribo”, ou seja, um grupo que usa gírias próprias, roupas que os caracterizam (pode ser um estilo punk com roupas pretas e pulseiras de metal) ou outros sinais (tatuagens, piercings, etc). Esse fenômeno não é, em princípio, algo ruim. É apenas sinal de socialização, de progressivo afastamento do ambiente familiar e ampliação de horizontes. O problema, naturalmente, é que nem todas as tribos são agrupamentos apenas de socialização. Também há tribos que apresentam sinais de agressividade, alcoolismo, uso de drogas, etc. Ou seja, é preciso ter consciência das características de nossa tribo.

A Bíblia conta que o jovem Roboão, filho de Salomão, quando assumiu o trono após a morte do seu pai, preferiu seguir os conselhos de sua “tribo”, “os jovens que haviam sido educados com ele” (I Reis 12.8) e que eram uma típica tribo de “playboys” e “mauricinhos” que só queria agora se beneficiar de ter um dos seus na condição de rei de Israel. Sabem qual foi o resultado? Leiam o texto de I Reis 12.1-20.

Tribos devem ser espaços onde nos socializamos e desenvolvemos projetos coletivos de lazer e de cultura, mas também de perspectivas maiores e mais amplas, que possam beneficiar outros. Atualmente, há muitas “tribos” de jovens que se reúnem com regularidade para a prática de esportes, para partilhar poesias, discutir filmes, montar peças teatrais ou coreografias e também auxiliar outras pessoas da mesma faixa etária a evitar o envolvimento com drogas, álcool ou a se relacionarem melhor com seus familiares. Em certo sentido, quando Jesus reuniu seus discípulos, estava organizando uma “tribo” que teve, inclusive, rituais próprios. Essa tribo, porém, conseguiu atingir o mundo inteiro com uma mensagem de vida e impregnar a sociedade de novos valores.

Que tal discutirmos a comunhão e socialização dos jovens de nossa paróquia? Que tipo de atividade regular poderia ser organizada para que esses jovens criassem uma identidade comum?

O Jovem e sua linguagem

Outra fonte de inquietação para muitos jovens em relação à igreja é a linguagem. Muitos acham dizem que não entendem certas frases, palavras e expressões contidas no hinário, na Bíblia ou mesmo no Livro de Oração Comum. O fato é que jovens gostam de usar gírias e expressões novas. Elas servem como códigos de identificação do grupo e, com o passar do tempo, podem até mesmo enriquecer o vocabulário transformando-se em expressões idiomáticas reconhecidas na língua portuguesa.

Porém, algo que não podemos nos esquecer é que a linguagem litúrgica deve ser “comum”, ou seja, “comunitária”, compreensível a todos, pois o Evangelho é para todas as pessoas e todas as faixas etárias. Se enfrentamos dificuldades com algumas versões da Bíblia, é possível utilizar versões mais atuais como a BLH (Bíblia na Linguagem de Hoje), a Edição Pastoral ou outras que traduzem o texto bíblico utilizando um padrão lingüístico considerado acessível a todas as faixas etárias e níveis culturais. O mesmo poderia ser feito com o Livro de Oração Comum. O que precisamos evitar são os exageros que, ao invés de valorizar a comunicação do Evangelho, o empobrecem e o ridicularizam.

Muitas paróquias têm experimentado renovação através de cultos organizados por jovens ou da participação ativa dos jovens nas missas dominicais através de grupos de louvor, corais ou encenações. Essa é uma possibilidade viável na sua comunidade para acolher os jovens da região?

O Jovem e suas incertezas

“... e há tempos são os jovens que adoecem e há tempos o encanto está ausente e há ferrugem nos sorrisos e só o acaso estende os braços a quem procura abrigo e proteção...” Lembra-se dessa música? Ela fez muito sucesso nos anos 90, com o grupo Legião Urbana. Parece que a juventude é realmente uma época de incertezas... quanto à profissão, os relacionamentos amorosos, o futuro, etc...

Porém, é bom lembrar que o apóstolo Pedro, escrevendo *aos jovens*, recomendou-lhes: “confiem a Deus todas as suas preocupações e ansiedades, pois Ele cuidará de vocês” (I Pedro 5.7). Se queremos ser jovens, capazes de acolher a outros jovens que vivem tempos de angústia e incerteza, não há outra solução exceto a de depositar nossas próprias incertezas aos pés do Senhor.

Questões para reflexão:

Recentemente na comunidade da IEAB no orkut, alguém postou o seguinte tópico: “Jovens estarão em extinção na IEAB em 2014”. Poderíamos terminar nosso estudo discutindo essa previsão pessimista.

1. O que é possível fazermos para acolher os jovens de nossa região para que se sintam bem em nossa igreja?
2. De que modo nossa “tribo” poderá dialogar e se incorporar com outras tribos?

4º Estudo

Acolhida e nossas relações Interpessoais

1- **Choque Cultural**

(Mt 15,21-28: aqui poderemos trabalhar o choque entre as culturas de Jesus e da mulher cananéia)

Alguns passos metodológicos:

a) **Apresentar dicas importantes para compreensão do choque cultural entre Jesus e a mulher cananéia:**

- Jesus entendia de que sua missão consistia em salvar o povo de Israel. A mulher, como bem afirma o texto, era gentia, da região de Tiro e Sidônia (v.21).

- Para os judeus, as pessoas gentias eram consideradas “cães” ou “cachorros”, tamanho era o desprezo que se tinha em relação às pessoas que não faziam parte do povo de Israel. E se notarmos o verso 26b, Jesus confirma esse desprezo usando um termo ainda mais sintomático, quando se utiliza do diminutivo “cahorrinhos”.

- Na época de Jesus não havia guardanapos de papel ou tecido, como é usual em nossos dias, usava-se pedacinhos de pão como guardanapos para limpar a boca e os mesmos eram jogados embaixo da mesa.

b) **Retomar o texto e destacar as principais falas no diálogo entre Jesus e a mulher cananéia;**

c) **Refletir sobre as ações de cada personagem, buscando destacar o conflito entre Jesus e a mulher cananéia;**

d) **Perceber a postura de Jesus e a postura da mulher diante do conflito;**

e) **Buscar responder: Que ensinamentos podemos destacar do texto para nossos conflitos culturais de hoje?**

2- **Afetividade**

(Mt 15,32-39: aqui poderemos enfatizar a compaixão de Jesus pelas pessoas, e o significado do “sentir viceralmente” a dor de outras pessoas)

a) **Apresentar dicas importantes para compreensão do contexto do evento:**

- A palavra “compaixão”, que aparece no versículo 32, significa a dor que Jesus sente com e pelas pessoas que o seguiam há muito, andando possivelmente sob um sol escaldante durante três dias e não haviam se alimentado.

- Como liderança responsável, Jesus cuidou para que as pessoas que o seguiam não fossem despedidas sem que se alimentassem devidamente para que seguissem viagem.

b) **Ler o texto e explorar a compreensão do que Jesus sente pelas pessoas que o seguiam?**

c) **O sentir de Jesus impeliu-o a uma ação. Qual foi a ação de Jesus?**

d) **Ler I Cor. 13,1-4 para refletir sobre as conseqüências dessa ação.**

e) **A partir daí, refletir sobre o significado de “afetividade” e exemplos concretos vividos no cotidiano.**

f) **À luz do exemplo de Jesus, que ações afetivas ofereceremos às pessoas à nossa volta? (Buscar elaborar mínimos passos para uma cultura de paz.)**

3 - **O Jovem e seu espaço na Igreja**

(Jo 6,1-14: aqui poderemos enfatizar o papel do jovem que coloca o pouco que tem à disposição da multidão, o gesto de generosidade que promove a comunhão entre as pessoas).

a) **Apresentar dicas importantes para compreensão do evento da multiplicação:**

- É importante considerar que na época de Jesus, não havia os meios de transportes que temos hoje, que os percursos eram quase sempre feitos a pé. E que certamente as pessoas que viajavam se preparavam minimamente para passar horas e dias caminhando.

b) **Ler o texto e buscar perceber:**

- a ação do jovem;

- as conseqüências dessa ação.

c) **Como se deu o milagre a partir do relato do texto** (procure pensar possíveis as ações geradas a partir de um gesto concreto do jovem. Por exemplo: e se assim como aquele jovem, outras pessoas também se mobilizaram e ofertaram para a partilha o que tinham de alimento).

d) **Cite exemplos desse tipo de milagre a partir de sua experiência de vida pessoal, comunitária e na sociedade.**

e) **A partir da meditação sobre o texto, da partilha de experiências de vida, responda:**

- Qual o SEU lugar (o lugar do jovem) na Igreja? Ou seja:

- Qual o papel do jovem na Igreja?

- Que ações e ministérios podem ser realizados pelo ou pela jovem?